

**Mulheres na Xilogravura** é o título da exposição no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), unidade especial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que reúne os trabalhos de quatro xilogravadoras do estado de São Paulo: Regina Drozina, Nireuda Longobardi, Lucélia Borges e Gabrielle Longobardi. Cada uma delas atribui à mostra uma perspectiva única, inspirada na rica tradição da xilogravura nordestina, forma de expressão artística predominantemente masculina.



*Xilogravura “Ela Pode”, de Lucélia Borges, presente na exposição.*

A mostra propõe uma reflexão sobre o papel da mulher nas artes, destacando a participação feminina na técnica da xilogravura, antiga técnica chinesa, na qual a madeira (xilo) é entalhada com um instrumento de corte dando origem a uma figura, em alto relevo, que se pretende imprimir. A impressão registra as partes elevadas da madeira entalhada, que são os pontos que encostam na tinta, como se fosse um carimbo. Devido à textura da madeira, os impressos com xilogravura apresentam uma característica inconfundível.

Sala do Artistas. Centro Nacional de Folclore. Rua do Catete 179. Ter. a sex., 10h/18h. Sáb. e dom., 13h/17h. Grátis. Até 24 de novembro.

O filme **Pequenas Histórias** é uma comédia infantil brasileira de 2008. Dirigido por Helvécio Ratton, a obra apresenta quatro histórias baseadas em nossas lendas e fábulas. Estrelado por Marieta Severo (narradora das histórias), Paulo José (Papai Noel), Gero Camilo (Zé Burrardo) e Patrícia Pillar (Iara). Na varanda da fazenda, uma senhora (Marieta Severo) conta quatro breves e encantadoras histórias, protagonizadas por personagens do imaginário popular brasileiro – principalmente da cultura mineira –, enquanto corta e costura pedaços de pano que se unem em uma grande e colorida colcha de retalhos. São contadas as histórias: O marido da Mãe d’Água, Procissão das Almas, Um Natal feliz e A história de Zé Burrardo.

Disponível no canal Looke.



Seguindo o mês dedicado a homenagear as crianças, indicamos o livro **Doze Lendas Brasileiras – Como Nasceram as Estrelas**. A obra faz parte do universo da literatura infantil de Clarice Lispector, que despertou desejo por esse estilo a pedido de Paulo Lispector, seu filho, quando ele tinha 6 anos. O livro reúne histórias do folclore nacional, uma para cada mês do ano, recontadas por uma das maiores escritoras do século XX. A história que dá nome ao subtítulo do livro, por exemplo, conta como, em uma aldeia indígena, travessos curumins deram origem a "gordas estrelas brilhantes". A certa altura, diz Clarice: "Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita" e segue contando a bela lenda dos indiozinhos que subiram ao céu em cipós. No livro, uma lenda ou um conto é revelado em cada mês do ano.



Em seus textos infantis, é possível encontrar magia com simplicidade e leveza sem deixar de lado sua facilidade para criar questionamentos. A maioria das lendas são de tribos indígenas. Clarice nos relembra os enredos que transformaram seres humanos em estrelas e animais e os acontecimentos que levaram os bichos a perderem a fala. O canto mavioso do Uirapuru e da sereia Yara a seduzirem pretendentes; as proteções e vinganças do Curupira e do Saci-Pererê são lembrados de modo a advertir o leitor e expor as lacunas que não são contadas, mas nas quais todos seguimos acreditando.

Você sabia?

Você sabia que a vencedora do Nobel de Literatura de 2024 é uma sul-coreana? Han Kang, escritora sul-coreana, filha do romancista Han Seung-won, em um universo de 121 vencedores do Nobel de Literatura, tornou-se, com apenas 53 anos, a 18ª mulher a conquistar tal reconhecimento. De acordo com a Academia Sueca, o trabalho da autora é caracterizado pela “dupla exposição da dor” que combina “tormentos físicos e mentais”, com uma forte conexão com os pensamentos orientais. Após terminar sua graduação em literatura coreana na Universidade Yonsei, em Seul, trabalhou três anos como jornalista. Iniciou sua carreira literária com a publicação de cinco de seus poemas, incluindo Inverno em Seul, na revista *Munhak-gwa-sahoe* (Literatura e Sociedade) em 1993. No ano seguinte, lança-se como romancista vencendo o Concurso Literário da Primavera de Seoul *Shinmun*, com o relato **A âncora escarlate**. Alcançou a fama literária com seu romance **A vegetariana**, vencedor do Man Booker Prize de 2016. Han Kang participou da Festa Literária de Paraty em 2021 e atualmente ensina escrita criativa na Universidade de Seul, escreve contos e novelas e ainda faz trabalhos de artes visuais.

